



TRIBUNA DE COIMBRA

Festa da Vida

TAL como o Natal, a Páscoa quebra a monotonia. São acontecimentos significativos que emprestam à vida, beleza e encanto e dão que pensar.

Este ano, uma Primavera seca e quente demais, a desventrou. Há muito que nos campos as sementes, impregnadas de vida adormecida, germinaram pujantes e promissoras. As árvores, desnudadas pela força cíclica da vida, revestiram-se de novo. O homem ainda não conseguiu, com tantas afrontas visíveis, que esta mãe, pródiga, vomitasse o azedume da sua indignação. Há um perfume que dimana das profundidades da terra e se

ergue em acção de graças e súplica na direcção do Céu. É a festa da Vida e da Ressurreição.

É a Páscoa. Das amêndoas e dos folares. Umam e outros chegam de todos os lados que muitos são os nossos «padrinhos». De Castelo Branco, Alcains e Fundão. São lisas, de todas as cores e gostosas ao paladar. O sr. Fausto costuma saber das bocas que somos para que a ninguém venha a faltar foliar.

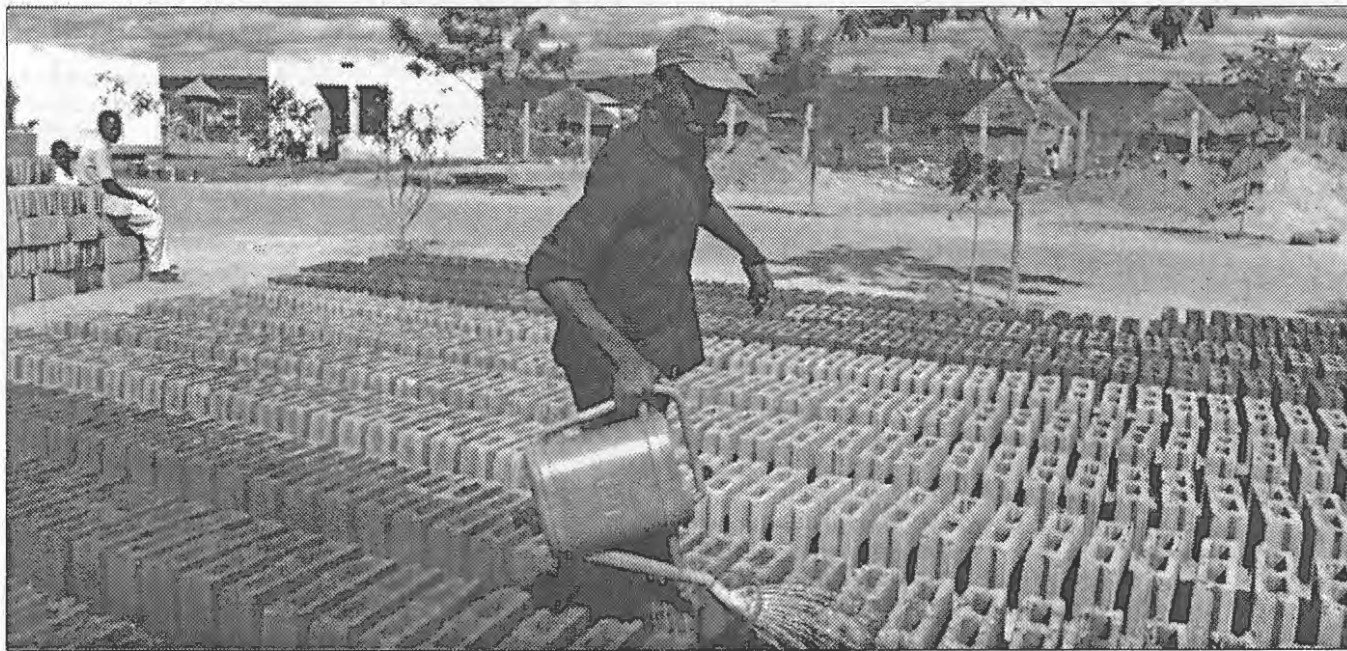
Domingo de Páscoa. Missa mais tarde e solene, tal como o dia. Todos os que puderem irão à Mesa do Ressuscitado, comungar o Pão da Vida. Depois, cá fora o cheiro do almoço: leitão assado, já que não

temos rebanho. Nascidos nos nossos currais, amamentados pelas nossas criadeiras e pelos cuidados do Jorge Teles. Batata frita — delícia de todos. Salada de alface que vem às caixas da estufa de Amiga nossa, de Aveiro. Mais o arroz-doce, o pão de ló e não sei que mais, de amêndoas e doces.

Cheira a Aniversário! É a Liturgia que nos manda celebrar. O Senhor está Vivo! Palpa-se esta presença nos olhos de todos e no ambiente que nos rodeia.

Há abono para todos. Até os que porventura se tenham portado mal e a ele não tivessem direito. A prodigalidade da Vida que celebramos gera

Continua na página 3



Mini-empresa moçambicana

PASSO A PASSO

Quem dera que desta riqueza partilhassem outros homens!

ELES são a nossa riqueza! Quando pobres, simples, humildes, sentimo-los nossos, carne do mesmo Corpo em que somos membros irmãos. Não da carne e do sangue que criam laços passageiros neste mundo, mas da carne que permanece para a Vida Eterna!

Se não são bonitos aos olhos do mundo, aos nossos são-no. Mais os amamos e mais facilmente nos entregamos por eles.

Se Pobres em dons mentais, achados sem valor, para nós valem a aposta da vida, sem prazo. Neste banco rende o amor que dá lucros no imediado.

Se desajeitados e incomodativos, temperam o nosso dia com a marca da diferença.

Se próximos e constantes em liberdade interior, evidenciam mais claramente o nosso ser paternal.

Se nos procuram para estar, dão-nos a certeza de sermos úteis.

Se se evidenciam dos outros e depois para nós riem, isso é resposta exteriorizada ao nosso amor.

Se tomam um ar sério e humilde quando repreendidos, mostram que assumem a condição filial.

Se passam ao nosso lado e não nos vêem, ficamos a saber que temos um coração para conquistar pois ainda não fomos suficientemente fracos.

Se nos perguntam se somos seus Amigos, dizem-nos que ainda não nos configuramos com Cristo.

Se fazem movimentos de defesa quando a eles nos dirigimos com veemência perante uma asneira realizada, dizem-nos que não somos Pai.

Se as lágrimas rolam na face porque uma palavra lhes tocou o coração, isso significa que ganhamos um irmão.

Quem dera que desta riqueza partilhassem outros homens! Os inseguros, os mais fechados em si mesmos, os incrédulos, os feridos pela falta de Amor...

O Lado está aberto! Quem quiser, venha à Fonte e beba.

Padre Júlio

ÁFRICA

O espírito e a pedagogia de Pai Américo são hoje um valor de vida e de liberdade posto ao serviço dos Povos africanos que a sua Obra serve

FAZ hoje um ano que de lá vim.

De Angola trazia quase só tristeza; e as notícias que vão chegando não dão para apagá-la. A incerteza da paz é uma realidade. Desconfianças enraizadas no coração ferido do Povo tolhem-lhe os movimentos e impedem o regresso de milhões de deslocados às suas terras de origem onde poderiam recomençar vida na modesta suficiência que a mãe Natureza propicia. E era por aqui, sim, que, sem planos espectaculares, a situação do Povo se iria normalizando.

Houvesse no interior de Angola garantias de paz, condições de estabilidade, um programa de auxílio alimentar ainda por algum tempo (até que as lavras produzissem, a pecuária doméstica se desenvolvesse, a pesca e a caça fossem possíveis, porque até os animais fugiram dos tiros e das devastações!); houvesse um mínimo essencial de cuidados de saúde tão debilitada por tantos anos de guerra — e o Povo recobriria o ser: viveria, que é o primado dos primados; e iria recuperando níveis que já conheceu.

Houvesse...! Mas onde está a Autoridade que garanta este pouquinho — que seria o bastante para já, que seria, talvez, o ideal?!

O Mundo, e as suas grandezas, anda por lá metido. De Poder se ufana. Decerto lhe falta a Autoridade que fecundaria o Poder. E em esterilidade e desesperança se vai esgotando o tempo.

De Moçambique trouxe outras vistas que a ausência de guerra e a vontade decidida de não

voltar a ela proporcionam. Deus queira se não desgastem, agora, em guerrilhas políticas as energias, que todas são indispensáveis à reconstrução do país.

Também por lá o Mundo andava e anda metido. Vejo nos noticiários que o Norte e o Ocidente, que são as coordenadas convenencionadas da prosperidade e da civilização, não rejubilam com o estado em Moçambique e se inclinam a diminuir financiamentos que previam mais abundantes. Ainda que tenham fundamento razoável, quem sabe se não será melhor assim para o crescimento, com certeza mais lento mas mais livre, do Povo moçambicano?!

Na verdade não há sintonia de ritmos entre as gentes do Norte e as do Sul. Nem nos requêbros das danças em que os primeiros ficam para trás, nem nas formas mais intelectualizadas de vida em que se atrasam os segundos. Propor ritmos, ensiná-los, é exemplar. Impô-los é, certamente, uma forma de colonizar.

A reconstrução destes Países tem de ser protagonizada pelos seus Povos

A reconstrução de Angola e Moçambique tem de ser protagonizada pelos seus Povos, até aos níveis que já conheceram e para além deles. Necessitam de ajuda, sem dúvida, mas não dos civilizados e dos prósperos, habituados a ritmos velozes e não à paciência que é o caldo de cultura de toda a

Continua na página 2

Conferência de Paço de Sousa

ALIMENTAÇÃO — Em recente noite, com a ajuda dum Padre pobre ao serviço dos Pobres, e a modos de um acto com cunho religioso, todos os vicentinos fomos algures carregar uma furgoneta de géneros alimentícios (excedentes da CEE) com destino a algumas dezenas de famílias carenciadas, previamente recenseadas. A partilha deste *maná* é feita criteriosamente, segundo o diagnóstico da situação dos respectivos agregados familiares — listados oportunamente.

Assim, a Sociedade de S. Vicente de Paulo procura amenizar as carências de quem precisa, qual *almofada social* dos mais excluídos, alguns até dos seus próprios familiares! Viúvas, mães solteiras, aposentados(as), isolados(as), inválidos(as), doentes, acamados(as)...

Vá lá, do ponto de vista sócio-económico, sendo esta Região uma *bolsa de trabalho* diversificada, *dormitório* do Grande Porto, talvez por isso mesmo a percentagem de desempregados, as consequências desta praga se diluam um pouco mais... E, se houver *retoma*, Deus permita uma boa redução desta calamidade nacional e internacional.

PARTILHA — A mensalidade do casal-assinante 11902, de Fundão, *«pedindo a distribuição habitual»*. Mais quatro mil, do *Manel de Braga*, para as viúvas. A nossa gratidão pelos votos formulados. Mais vinte mil: dez, do assinante 20 e mais dez do 169, do Porto, com a devoção e amizade de sempre. Outra vez Porto: quatro mil, da assinante 24000, que pede *«ao Pai do Céu continue a ajudar-me para que possa pensar nos meus irmãos pobres e auxiliá-los, embora com pequena migalha»*.

Assinante 31104, de Lisboa, peregrina de há muitos anos, ora com duas migalhas: *«Deus bem sabe as minhas intenções, pois ajudando o Próximo estamos com Ele. Uma referência n' O GAIATO é sempre consoladora»*.

Covilhã: *«pequeno contributo»* da assinante 4456, com os olhos *«no Senhor Jesus por Quem vale a pena fazer tudo»*. Setúbal: *«pequena contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, com o carinho e alegria da Avó dos cinco netinhos»*.

Óbolo do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), sublimado com oportuna oração: *«Aproveitemos bem o tempo favorável que atravessamos. Arrepentamo-nos do mal feito e reconciliemo-nos com o Céu»*. Caminha a par, na mesma linha, a assinante 7186, de Aveiro. E fecha a *procissão* outra presença, de há muitos anos: *«uma assinante de Paço de Arcos com a partilha de Março/Abril e saudações fraternas e muita amizade»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PRIMAVERA — Nas árvores da nossa Aldeia estão a rebentar folhas e flores. Os passarinhos fazem os ninhos na ramagem. E é o regresso das andorinhas!

ESCOLA — Temos alguns preguiçosos para fazer os trabalhos escolares de casa. Por causa disso ficam a tratar dos deveres enquanto os outros almoçam.

VISITANTES — Vêm excursões de escolas secundárias, primárias, etc. Algumas pessoas, nos fins-de-semana, trazem sacos e sacos de rebuçados que distribuem pelos mais pequenos — o que não deveriam fazer...

AGRICULTURA — Já foram semeadas as batatas oferecidas por um Amigo e começaram a nascer os rebentos.

ANIMAIS — No pomar a gansa continua a chocar os ovos com muita paciência.

OFERTAS — Amigos da Marinha Grande ofereceram instrumentos musicais. Da Golegã também veio a oferta duma máquina de descascar batatas.

FUTEBOL — Mais bons resultados do torneio.

Na 4.ª jornada defrontámos o F. C. de Bairros (Paço de Sousa). Um jogo muito bem disputado. Vencemos por 5-3.

Na 5.ª jornada, também vencemos o M.J.D. (Paço de Sousa) por 2-1.

Neste momento vamos à frente do torneio com oito pontos.

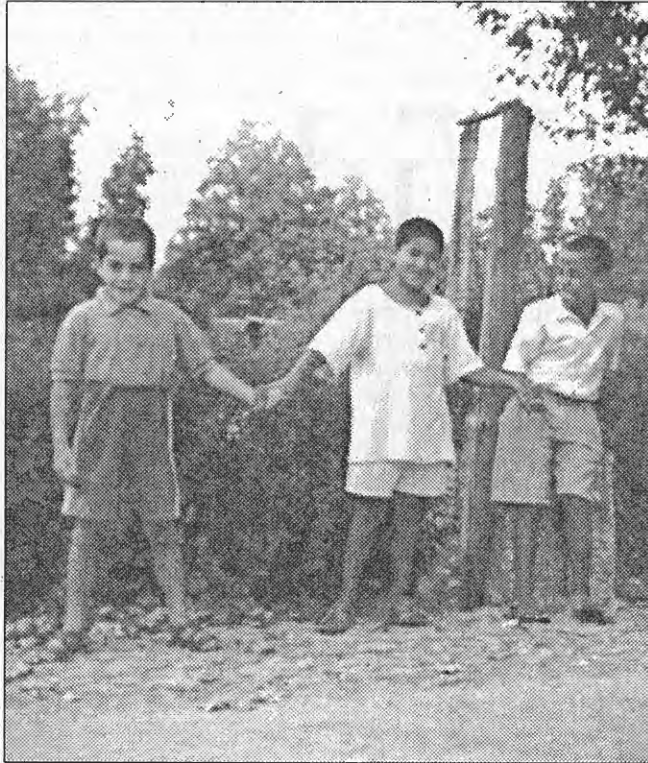
Os melhores marcadores do torneio são da nossa equipa: «Banana» e Xavier com quatro golos cada.

«Cato»

TOJAL

OFERTAS — Agradecemos as diversas coisas que nos oferecem ao longo do ano. Como estamos na Páscoa, esperamos receber ovos de chocolate e amêndoas. Às refeições temos variedade de ricos alimentos para o crescimento de muitos que ainda não haviam comido uma refeição decente, equilibrada.

FUTEBOL — Temos treinado bastante, tanto os pequenos como os grandes. Os



Ilídio, «Ricardinho» e «Igor».

rapazes mais velhos dizem que depois de acabarem as aulas haverá campeonato entre a malta, futebol de 5, jogado à noite no nosso pavilhão.

OBRAS — Não há nada de especial. Apenas uns toques aqui e ali. A Casa toda arranjada e limpa, terá um aspecto mais acolhedor. A casa-mãe será reparada no próximo Verão.

JARDINS — Temos muito cuidado a tratar dos nossos jardins. Estão muito belos. Enfeitam e dão vida aos diversos cantos da Casa. Muitas pessoas que nos visitam dizem que temos uns jardins muito bonitos e cheios de vida com as suas flores multicores. Dizem também para continuarmos a tratar deles pois dão vida à nossa Aldeia.

ESCOLA — Já tivemos uma semana de férias. E temos mais quatro dias, só depois é que voltaremos ao activo. A vida de estudante é muito agitada, principalmente em nossa Casa, porque todos e cada um têm a sua obrigação. Às vezes precisam de organizar bem o tempo para olharem para o livro. Mas há sempre ocasião para tudo, nem que seja um simples gesto de mandar um copo de água para um canteiro. Alguns tiveram notas negativas, mas isso levanta-se e recupera-se.

VISITAS — Recebemos várias excursões. Neste tempo organizam visitas de estudo e passeios. Esperamos receber muitas ofertas, principalmente calções e toalhas de praia, pois estamos a chegar ao Verão. Um antecipado muito obrigado.

FESTAS — Levam ao público, através dum reduzido programa teatral, a vida duma Casa do Gaiato. Obra tão complexa que, por vezes, também tem problemas com os seus rapazes. A entrada de um deles para a Casa do Gaiato, ao princípio muito difícil por perder uma mãe ou um pai, mas arranjar uma nova família ainda é mais. Aqui entra a Casa do Gaiato, Obra ajudada por muitas pessoas para que os gaiatos se façam homens e construam uma nova família.

OBRIGAÇÕES — Em nossa Obra cada um tem a sua obrigação. Até o mais pequeno. Os maiorzitos, nas oficinas de tipografia, serralharia, carpintaria; e na vacaria, pocilgas, copa e campo. Os mais pequenos nos diversos grupos que mantêm a Casa limpa: apanha do lixo, varrer as ruas, despejar caixotes, etc.

ANIMAIS — Temos muitos, desde porcos e patos até às vacas. Quando vêm cá excursões de miúdos as coisas de que mais gostam são os animais. Agora, na Páscoa, vamos matar alguns porcos e borregos.

«BÓLIDOS» — Não temos desses carros construídos pelos rapazes, mas *skates*. Nos tempos livres um grupo de sete ou oito vão para o nosso pátio brincar. Uns jogam à apanhada, outros aos choques. Vão-se divertindo e descontraíndo, o que muitas pessoas não fazem. Deviam seguir o conceito dos mais pequenos e divertirem-se um pouco. Tomarem-se jovens. Pois isso ajuda a rejuvenescer.

Joaquim Miguel F. Pinto

Tempo

*De quando em quando
Preciso dos teus sábios avisos
Para me afastar dos perigos
Da imperdoável vida.*

*Meu SENHOR!
Vai transformando
O meu desespero
Em alento!
E... dá-me notícias
Do teu mundo superior!*

*Todos têm o seu tempo!
Este é o nosso tempo!
Não o desperdicemos
Com antagonísticos sentimentos.*

*Faz cair a tua voz...
Sobre a minha desordem...
Ama-me com o teu coração
sóbrio
E gera em mim um novo
HOMEM!*

Manuel Amândio

MIRANDA DO CORVO

BATATA — Já semeámos a nossa batata. Foram também sulfatadas com herbicida, a terra dos grilos, do olival, do tio Jaime e a terra nova.

SISTEMA DE REGA — Entrou em acção nas terras onde semeámos batata. Enquanto está numa leira, dois rapazes mudam os canos e os bicos para outra ser regada.

AULAS — Estamos no fim do 2.º período. Alguns rapazes tentaram levantar as notas do

ÁFRICA

Continuação da página 1

relação válida, perene, entre pessoas, mais ainda quando difere tanto o modo de ser delas. Paciência é capacidade de sofrer com..., de acertar o passo com..., mesmo que em intenção e esforço de puxar os mais vagarosos. Terão tal capacidade os *prósperos* e os *civilizados*?...

Quem atingiu os extremos da fome tem de ser alimentado com grande cautela, pouquinho de cada vez, senão... arrisca-se a morrer da cura! Não é, pois, de tecnologias avançadas nem de «quadros» a elas proporcionados que precisam os Povos africanos. humildes e impregnados do espírito da gratuidade deverão ser os seus parceiros numa obra

1.º período. Uns conseguiram, outros foram menos felizes e continuam com negativas. Agora só resta o 3.º período e todos se devem agarrar aos livros com mais força para ver se passam de ano.

VISITAS — Recebemos uma excursão de Tomar que permaneceu em nossa Casa durante o dia. Agradecemos a roupa que nos deixaram.

Espero que quem nos queira visitar traga uma equipa de futebol para nos defrontar.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ninguém escapa ao sofrimento. A dor acompanha-nos, passo a passo, do berço ao túmulo, como a sombra segue o próprio corpo no caminho. Custa-nos a compreender o que forçoso nos é chamar o mistério do sofrimento.

Quereríamos viver num mundo onde ele não houvesse mas só paz, amor e alegria.

Sentimos isto, mas as explicações são difíceis, as palavras por vezes fazem mal porque parecem, nesse momento, demasiado superficiais e anónimas. O sofrimento é coisa tremendamente pessoal e difícil. E o da alma e do corpo é muito penoso e então quando a idade avança, pior.

No mês passado tivemos duas perdas: A D. Rosa Ludovina, já viúva, após alguns meses de crucifixão, faleceu. Quinze dias depois a D. Virgínia, esposa do sr. Augusto (que não tem uma perna). Ela sofreu bastante, física e espiritualmente.

Agora ficou só o marido. Os filhos não compreendem a velhice nem a doença. Levaram-no e tornaram a trazê-lo. Ele farta-se de chorar que está só e na miséria. Estas pessoas têm cerca dos 80 anos.

RECEBEMOS — Dum anónimo, 5.000\$00. M. Fernanda, 2.500\$00. Vale de 20.000\$00, duma Amiga, de Ermesinde. Anónima, de Coimbra, 10.000\$00. A nossa Amiga, da Holanda, 7.000\$00.

Agradecemos a todos os nossos Amigos.

Maria Germana e Augusto

FESTAS

Em corpo inteiro

CHEGAMOS, à tardinha, a esta nossa Casa, na véspera do dia da primeira Festa. Parámos no largo em frente ao salão. Era um mundo de coisas e pessoas em reboliço. Uns pintavam escadas, outros lixavam estantes, ainda outros envernizavam gaiolas, outros ainda limpavam cadeiras.

Entrámos no salão. Então aqui não se sabe descrever. Um grupo em cima do palco a afinar luzes. Outro, em baixo, dava os últimos retoques nos seus números. Os electricistas montavam balaústres de iluminação. Os carpinteiros acertavam peças a combinar.

Espreitámos para os camarins. Um grupo de senhoras amigas dava a última volta às variadas peças que hão-de servir no guarda-roupa. Um encanto de coisas lindas e vistosas.

Tocou para o jantar. A maior parte não tirou as mãos do que estava a fazer. Só quis jantar no fim do dia. *A fome vai-se aguentando*, disseram alegremente.

O dia seguinte amanheceu cedo. Havia muita coisa ainda a fazer. Mãos à obra. A manhã foi bem aproveitada. E, à hora do almoço, tudo estava alinhado.

A tarde foi toda para arrumar as coisas e pessoas. Cada coisa e cada um no seu lugar. O último ensaio geral, as últimas afinações e os últimos retoques. Tudo preparado para a Festa. Banho e jantar.

No fim do dia foi a Festa. Salão cheio. Muita alegria. Muita arte. Muita música. Muita participação. Ninguém se cansou com o adiantado da noite. Ninguém teve sono.

Já de madrugada foi a despedida. Despedida alegre. Alegria estampada no rosto de cada um. Resultado de muitos sacrifícios e renúncias. Alegria, sobretudo, naqueles que

mais se esforçaram. Não houve empregados nem serventes. Foi tudo com prata da Casa. Pai Américo esteve bem presente.

Padre Horácio

SETÚBAL

TÃO habituados andamos ao faz-de-conta, que parece impossível, a muita gente, sermos uma família a sério. O nosso espectáculo deste ano pretende mostrar a forma como vivemos o espírito familiar e nos empenhamos nele.

Os rapazes fazem a leitura da vida em Casa e também das pessoas, de vários modos, sempre com arte e com alma. Exprimem-se acerca das Senhoras desta forma:

«Ninguém conhece as nossas Senhoras. Elas não aparecem. Não usam hábitos, nem qualquer distintivo.

Os furtivos visitantes têm-nas como simples governantes ou empregadas. O seu lugar e aspecto humildes, assim indicam.

Não aparecem em parte nenhuma a dar testemunho como hoje se faz.

São pessoas escondidas.

Mais do que os padres, ocultam-se radicalmente na doação plena; no meio dos rapazes, na sua Casa.

Mais que outras mulheres estas são a imagem viva e mais aproximada de Nossa Senhora: Mães dos sem-família — guardam tudo no coração.

A mãe — a Senhora — como os rapazes lhe chamam é a figura maior e mais presente em nossa Casa, ocupando o primeiro lugar em muitos corações.

Sobre ela recaem as actividades domésticas da família e os cuidados mais minuciosos com cada rapaz.

A comida, sempre esmerada, passa pela mão dos rapazes mas nasce no coração da mãe.

É ela quem se aflige, destina, organiza e dá sempre o último toque!

A roupa é escolhida, arrumada e distribuída pelos rapazes sob o olhar atento e a orientação da mãe.

Os aleijões, as feridas, os braços quebrados, as pernas partidas e, às vezes, até as rixas fraternais vêm ter em primeiro lugar ao coração da Senhora. Quem muda a fralda ao bebé? Quem lhe dá o biberão? E conversa com ele, entende os seus caprichos e percebe em primeiro lugar as suas gracinhas? Quem? — A mãe.

Quem dá banho aos mais pequeninos, educa a higiene, a limpeza a ordem, o asseio? Quem? — A mãe.

Quem beija, acaricia e dá presença aos «Batatinhas», todas as noites, sem qualquer falha ou folga, durante uma vida inteira, ao deitar e levantar da cama? Quem? — A mãe.

A Senhora, em nossas Casas, é a oliveira fecunda e inesgotável, rodeada permanentemente de rebentos emergentes da raiz do coração, os quais concretizam o seu ideal e exclamam continuamente o perfume da sua magnitude maternal.

Elas são o sol onde se vai aquecer sempre a afectividade de cada rapaz; a luz primeira e última da sensibilidade pessoal dos pequeninos e dos grandes.»

Datas, lugares e horas de Festas de Setúbal:

23 de Abril, às 15 h. — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA;

29 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

5 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Operária Amorense.

6 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense — CABANAS.

13 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Incrível Almadense — ALMADA.

19 de Maio, às 21,30 h. — Teatro Aveirense — AVEIRO.

20 de Maio, às 21,30 h. — Forum Luiza Todi — SETÚBAL.

26 e 27 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Amut — SARILHOS GRANDES.

10 de Junho, às 21,30 h. — Gil Vicente — CASCAIS.

Padre Acílio

LISBOA

JÁ há muito que em nossa Casa o assunto de conversa são as nossas Festas. Os nervos começam a apertar com a proximidade do acontecimento. Por razões várias, estamos com alguns problemas em termos de conseguir fazer o bom anúncio. Pedimos que nos ajudem a convencer muita gente que embora oiça o anúncio não está para o acolher. Convidem os vizinhos e amigos. Há promessas de ser um bom espectáculo, completo, onde não faltará a arte, o encanto e a emoção. Próximos espectáculos:

23 de Abril, às 15,30 h. — Salão da Igreja — FORTE DA CASA (Póvoa de Santa Iria);

30 de Abril, às 15,30 h. — Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Rua Camilo Castelo Branco, junto ao Marquês de Pombal — LISBOA.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

temura e perdão. É preciso pregar o perdão que brotou do lado aberto do Senhor.

A tarde virá o Senhor. A sua cruz perfumada percorrerá um tapete de verdura e flores até à nossa sala de jantar. Aí, cada um, por sua vez, beijará a cruz do Senhor Vivo, agradecido. Uma oração pelos vivos e pelos nossos mortos — hoje tão perto do Céu e de nós.

A seguir as mesas postas prolongarão este simples e maravilhoso aleluia que já brota do nosso coração agradecido.

Padre João

desencadeará. Só assim, os obreiros se consumirão, alumando... e deixando após si um rasto de luz.

O espírito e a pedagogia de Pai Américo são, hoje, um valor de vida e de liberdade posto ao serviço dos Povos africanos que a sua Obra serve.

Os nossos que lá gastam suas vidas assoladas por mares cheias de contradições, não se perturbem nem se afastem deste caminho. E se o Mundo dos *prósperos* e dos *civilizados* não entender, sacudam à porta deles a poeira das sandálias.

Deus está. E em qualquer rochedo no deserto uma fonte que Ele fará jorrar.

Padre Carlos

Última etapa do meu caminhar por terras d'África

ERA a última etapa do meu caminhar por terras de África. Naqueles dias tinha visto mais armas do que em todos os dias da minha vida. Logo no aeroporto muitas fardas e muitas armas, mais do que o suficiente para me intimidar e me perguntar onde está a razão das coisas. O avião em que seguia levava alimentos para a nossa Casa. De todos os lados surgiram montes de rapazolas crescidos a tentar ajudar-se o mais possível, desviando as coisas como podiam. A tropa e a polícia com a ponta das espingardas iam fazendo furos nas caixas para ver o que traziam. No fim do descarregamento para o camião apresentaram-se a pedir alguma coisa porque tinham ajudado... Tivemos que largar o aeroporto em alta velocidade porque a aproximação da noite começava a apertar-nos o coração... Deu-me a impressão que aqui o roubo quase reveste o carácter de virtude.

Mais uma vez a grande alegria de estar com os nossos rapazes, senti-los por perto, ver as suas caras, receber os seus cari-

ENCONTROS em Malanje

nhos. Ainda se encontram a viver em instalações cedidas pelo Seminário da diocese e onde se tentou improvisar da melhor maneira possível um modo de vida com um mínimo de dignidade. Mesmo aí, todos os dias que estive, apareciam dois ou três rapazes, nos seus vestidos rasgados e caras tristes a pedir para ficar. Que vontade Padre Telmo tinha de os acolher! Mas como e onde?

Fomos até às nossas instalações a cerca de dez quilómetros da cidade. Vários sítios de controle quer da polícia quer da tropa. Paragem obrigatória. Conheciam o viajante e então era ver estes homens de arma na mão a fazer pedidos: «arranje camisa», «não ter calça», «filho com muita tosse», «muita febre e dor de barriga», «diarreia». Chegámos... Que bonita é a nossa Aldeia! Mais honita seria se pudéssemos

ver os nossos meninos a correr e a saltar no meio de toda esta natureza, habitando as suas casas e a dormir nas suas camas, a comer no refeitório, a frequentar a sua airosa escola e a rezar na sua bela capela, aos pés da grande Cruz acompanhados pela Mãe de Jesus tão acolhedora na sua imagem.

É a terceira vez que recuperamos a nossa Aldeia

É a terceira vez que Padre Telmo, com os rapazes, tenta recuperar a Aldeia. Anuncia-se a Páscoa e há a esperança de, depois de todo este Calvário, a Ressurreição ser celebrada já com toda a comunidade reunida naquilo que é seu. Desde já nos apetece cantar o dia em que possamos ver os nossos meninos na

sua casa recuperada, enchendo os campos de mandioca, batata doce, feijão, bananais, papaias, abacateiros, café, pescando ou nadando na lagoa e na barragem já refeitas e contemplando os animais a pastar o capim que agora invade tudo e dá àqueles campos um ar de monótona tristeza. Muitas vezes ainda se levantam dizendo que não devem ir. A paz constrói-se com estes riscos. Se nada se fizer, parece que as armas têm a última palavra. É tempo de Santos que heróicamente teimam em mostrar nos desertos humanos os caminhos de Deus.

Sinais de esperança

Pequena viagem pelos bairros da cidade. Pequenos sinais de esperança. O povo começa a produzir, se o deixarem. Quase

todos os palmos de terra à volta da sua casita estão cheios de mandioca ou batata doce. Não se pode ir ainda para longe da Aldeia deitar semente naqueles enormes campos à espera. Pode acontecer e acontece diariamente que quem colhe não é quem semeia, mas quem tem uma arma na mão. E se deixassem o povo trabalhar e produzir na paz?

Ao partir veio-me à lembrança uma oração que já não sei encadear e que em minha casa se rezava quando era pequeno. Sei que terminava: «Deus nos livre da peste, da fome e da guerra». Foram estes os males que mais senti durante todo o meu percurso. Males que estão interligados. Males que esperam uma resposta dos homens. Males que desafiam um milagre de Deus capaz de transformar os corações humanos. Deixo aos analistas ver as nossas responsabilidades de ocidentais em tudo o que se passa em África. Na minha fraca especialidade apresento-me diante de Deus carregando em meu coração a vida de todos estes homens, mulheres e crianças de um país que pouco conheço mas cujo sofrimento clama aos céus e pede que seja atendido.

Padre Manuel Cristóvão

